

A APORIA PLATÔNICA E O FALSEACIONISMO POPPERIANO: UMA ANALOGIA ENTRE DUAS FILOSOFIAS DA CIÊNCIA

Lutecildo Fanticelli*

Resumo: Mostrar-se-á aqui que através do método aporético, Platão, ao menos em parte, antecipou o falseacionismo popperiano. Em princípio, os Diálogos não contêm uma filosofia da ciência ao modo moderno. Mas com certeza contêm o pressuposto filosófico, a partir do qual existem as ciências e a filosofia da ciência moderna. Uma afinidade entre os dois casos está no fator rigorosidade requerido em função da verdade científica. Platão refutava os excelentes argumentos apresentados por ele mesmo. Popper, analogamente impunha condições severas. Por ex.: milhares de cisnes brancos verificados na natureza não garantem que todos sejam e serão brancos. Basta encontrar apenas um para que a afirmação de que todos são brancos seja falseada. Para esses dois pensadores, uma filosofia absoluta é impossível. Ambos os programas poderão ser rotulados como negativos. As conclusões aporéticas, v.g., podem suscitar uma ideia derrotista. Platão testou até mesmo a sua celeberrima teoria das Ideias. De qualquer modo, por detrás dos dois programas estava uma enorme cautela quanto ao dogma. A verdade filosófico-científica requer uma espécie de busca incessante. Enfim, mostrar-se-á uma antecipação do falseacionismo presente na filosofia platônica. Ressalte-se que Popper repugnava a filosofia política de Platão, não a sua filosofia da ciência.

Palavras-chave: Aporia. Falseacionismo. Cientificidade

De antemão, é preciso salientar que o que se pretende aqui é traçar as possíveis analogias entre as aporias platônicas e o falseacionismo de Karl Popper. De certo modo, o propósito é realçar o espírito cientificista de cada caso, focando a importância da ideia de que a ciência nunca é absoluta. Por isso mesmo não será demonstrada com detalhes nenhum exemplo específico de aporia nem de falseacionismo. É que, de fato, nenhum detalhamento será necessário, mas sim a focalização daquilo que cada programa visava e, obviamente as suas semelhanças.

Nos tempos de Platão não existia a ciência ao modo como hoje conhecemos. Com efeito, não existia uma tecnologia sofisticada. Desse modo, é importante então ficar claro que toda relação que aqui é feita entre Platão e a ciência, trata-se, na verdade, de uma menção à sua epistemologia. Noutros termos, a filosofia da ciência em Platão era nada mais que um conteúdo filosófico contido em sua epistemologia. O termo *episteme*, por exemplo, muito comum nos Diálogos é por vezes traduzido tanto como “conhecimento” ou como “ciência”. Mas independente de qualquer época, uma coisa é bem certa: tanto a filosofia pura quanto a ciência estritamente experimental, ambas têm a razão como base. E, além disso, também não se pode perder de vista que a própria ciência, é algo que só existe porque a filosofia existiu primeiro. Isso quer dizer que a ciência é filha legítima da filosofia. Foi graças às insistentes preocupações dos gregos antigos com o fator lógico-racional que a posteridade atingiu um estágio científico tão invejável. A filosofia de Platão, pelo fato de haver se preocupado

* Professor da área de Ética e Conhecimento na Universidade de Passo Fundo e de Filosofia do Direito na Faculdade João Paulo II. Contato: lutecildo@gmail.com

enormemente com a objetividade e com a universalidade filosófica, acabou por se tornar atualíssima entre a comunidade científica moderna.

As afinidades e as diferenças entre Platão e Popper

Dentre as muitas lições platônicas, vale a pena discorrer exatamente sobre a sua famigerada aporia. Nesse caso, entenda-se por aporia o método platônico por meio do qual não é possível qualquer conceituação filosófica definitiva. É ela que, de certo modo, alude a algumas filosofias da ciência contemporâneas. Entre elas, o falseacionismo de Karl Popper. Ambas, aparentemente soam como programas filosóficos negativos (POPPER, 2013, p. 39). Platão em alguns Diálogos apresentou algumas definições filosóficas muito interessantes, aliás, algumas até sublimes, mas refutou-as em seguida. Se o leitor principiante da filosofia platônica iniciar-se diretamente através de um Diálogo aporético, estará propenso ao desapontamento. É bem provável que acabe até mesmo por não nutrir nenhum interesse por Platão. Se porventura não tivesse feito qualquer outro contato com mais ninguém que conhecesse Platão, estaria sujeito a pensar que o referido Diálogo tivesse perdido algumas páginas.

Alguns Diálogos, com efeito, terminam exatamente desse modo, isto é, em aporia. Ao certo, eles tiveram um desfecho, mas um desfecho, no qual, o argumento apresentado é rejeitado. Aliás, não só o argumento final, mas também os outros que os precediam. Nesse caso, não se trata exatamente de Diálogos inacabados, pois o seu desfecho é esse, o de desfechar-se refutando os argumentos apresentados. É bem provável que se Platão fosse mais explícito ele teria sido mais bem compreendido. Contudo, é óbvio que a sua intenção acima de tudo era a de evitar o dogma. Nesse caso, a aporia teria sido usada como uma medida de precaução. Se esse for o caso, então a prevenção quanto ao dogma, talvez seja o propósito mais importante da aporia. Platão parecia estar ciente de que a manutenção de uma ciência salutar requeria muita cautela. Aliás, requeria uma maestria especial, visto que o manuseio da ciência fica propenso a armadilhas muitas vezes inesperadas. Os modernos já estão cientes quanto à tendência da ciência em tornar-se ela própria um dogma. Uma teoria científica correta e atraente demais acaba, muitas vezes, por ficar propensa a se auto aniquilar. O exemplo mais clássico para esse caso é provavelmente o socialismo científico. Afinal, milhões de homens de ciência o acataram convictamente. A sua cientificidade acabou por ser enegrecida e até mesmo transformar-se em um dogma irrefutável. Antes do fim da Guerra Fria era muito comum encontrar muitos acadêmicos sinceros defendendo a cientificidade do

socialismo de Marx e Engels. Aliás, o próprio Popper, grande adversário do marxismo, inicialmente considerava-se um marxista e até comunista (STOKES, 1998, p. 30). É aí então que a aporia platônica aparece exatamente como recurso eficaz para blindar a ciência salutar.

Dentre todas as filosofias da ciência, é o falseacionismo de Karl Popper que, de certo modo, tem alguma semelhança com as aporias platônicas. Ele, da mesma forma que Platão parecia preocupado acima de tudo com o fator objetividade (POPPER, 2013, p. 41) e de se precaver quanto ao dogma. Nem mesmo o austero positivismo lógico tinha, em sua opinião, os requisitos suficientes para fiscalizar ou demarcar as ciências. Este propusera o verificacionismo, isto é, se uma tese, for passível de verificação então, ela pode ser considerada científica. Aliás, se é verificável, ela tem as chances de ser verificada a fim de poder ser corroborada. E se for corroborada então passará no teste. Há de ser considerada científica. Contudo, Popper irá assinalar que a verificação não é a garantia mais ideal de todas. Ao invés, ele propõe o falseacionismo, ou seja, o critério segundo o qual, uma tese científica precisa ser passível de falseação. Afinal, nem mesmo um milhão de cisnes brancos verificados na natureza é uma garantia de que todos os cisnes são brancos. É que basta apenas um único cisne não branco ser encontrado e pronto, a tese ou afirmação torna-se falseada (POPPER, 2013, p. 27). As afirmações, as teorias ou as teses científicas devem ser, portanto, passíveis de falseação. Uma teoria científica corroborada é, na verdade, corroborada provisoriamente, nunca para todo o sempre (POPPER, 2013, p. 39). O que Popper sugere mesmo é, na verdade, um critério de demarcação entre ciência e pseudociência (POPPER, 2013, p. 38).

Dito de outra forma, o falseacionismo requer que uma afirmação científica seja primeiramente, algo passível de teste. Se for passível, isso não quer dizer que poderá ser corroborada, mas falseada. Isso não quer dizer que ela tem de se tornar falsa. É óbvio que Popper não pretendia dizer que ela tinha de ser falsa para que então pudesse ser aceita como algo científico. Um leitor ou um ouvinte desatento poderá até mesmo supor que uma teoria científica precisa ser falsa para então ser verdadeira. De certo modo, Popper pretendia dizer que uma pretensa teoria científica não poderia de modo algum ser impassível ao teste empírico e experimental. Noutros termos, o autor de uma teoria, enquanto homem de ciência tem de aceitar expor a sua própria teoria a teste. Aliás, tem de submetê-la a teste, e esse teste tem de ser realmente muito rigoroso. Se porventura uma teoria sequer tem condições de ser testada então ela não poderá ser científica. Nesse caso, não poderá ser científica na esfera empírica. Uma expressão do tipo “Todos os solteiros não são casados” e uma tese de que o demônio não existe não são casos adequados para testes empíricos. Contudo, a afirmação do

tipo “Todos os corvos são pretos” é bem diferente, pois é possível conferir no mundo se, de fato, todos esses pássaros são pretos. Mas, se for confirmado que até o momento todos os corvos encontrados são pretos, não significa que a afirmação esteja corroborada para sempre. Nesse caso, poder-se-ia, então dizer que por um certo tempo a afirmação é correta. Se um sistema como o de Isaac Newton, realmente consagrado por toda a comunidade científica, fora derrubado, então qualquer outro sistema hegemônico poderá sofrer o mesmo destino (STOKES, 1998, p 36).

Contudo, vale ressaltar que o falseacionismo é bem mais complexo do que tudo aquilo que aqui tem sido descrito. Mas de qualquer modo, podemos resumir-lo assim: uma teoria deve ser testada por meio de quatro parâmetros. Em primeiro lugar: faz-se uma comparação lógica das conclusões entre si mesmas, por meio da qual se testa internamente o próprio sistema; a seguir testa-se no sentido de saber se a teoria é mesmo empírica ou meramente tautológica; depois a teoria é comparada com outras teorias, a fim de saber se pode ser considerada realmente um avanço; e por fim, testa-se de modo direto aplicando-a empiricamente (STOKES, 1998, p. 50).

Uma análise mais profunda do falseacionismo, com efeito, requer um espaço muito maior. E, além disso, este artigo não visa realmente apresentá-lo de modo esquadrihado. Em essência, o falseacionismo é interessante, pois visa encarar a ciência exatamente como ela é, isto é, como algo não absoluto. A ciência, com efeito, tem suas surpresas. Por mais que sejamos seus apreciadores incondicionais ou por mais que sejamos homens de ciência convictos, não podemos nos esquecer que a sua natureza é realmente delicada.

A despeito de ser um filósofo da ciência do século XX, Popper era ao mesmo um defensor da metafísica (2012, p. 36) e até mesmo um anti-indutivista. Ele alegava que a metafísica era simplesmente algo premente na elaboração da própria ciência. Noutros termos isso parece querer dizer que sem a metafísica não existiria a ciência.

Embora alguns Diálogos nos pareçam despojados de metafísica, é óbvio que Platão também tem a sua metafísica. Em parte, é óbvio que ele pode ser considerado um filósofo metafísico. O seu manifesto sobre a segunda navegação (*Phd* . 96b-99c) e a teoria mística da metempsicose parecem provas suficientes (*Men*. 81a-85d). É óbvio que também há quem não entenda desse modo. O próprio Alfred J. Ayer (1991 p. 35), por exemplo, um dos pioneiros do positivismo lógico na Inglaterra, diz que Platão é um filósofo analítico.

A metafísica é, desse modo, então um outro ponto que faz com que Platão e Popper também sejam pensadores afins.

Algumas aporias platônicas mais interessantes

Provavelmente, dentre as aporias mais importantes estão as do *Parmênides* (*Prm.* 130c-133b). Nesse Diálogo o que Platão põe à prova é a própria teoria das Ideias. E curiosamente a primeira impressão que temos é a de que ela foi refutada. Na linguagem de Popper tratar-se-ia, por assim dizer, de uma teoria filosófica falseada. Toda a primeira parte do Diálogo é dedicada quase que inteiramente à verificação da veracidade da teoria. E, aliás, Platão faz com que o seu venerado Sócrates seja, por assim dizer, massacrado pelo velho Parmênides. Este é quem desponta como protagonista no Diálogo. Um dos pontos mais interessantes da contestação é a da segunda aporia, onde Parmênides pretende saber se no mundo das Ideias também há, por exemplo, a Ideia de lodo e de cabelo (130c-d). Se quiséssemos estender a lista, poderíamos indagar com Parmênides, se no mundo das Ideias também há a Ideia de veneno, a Ideia de ódio, a Ideia de diabo, enfim, muitas Ideias de coisas cuja qualidade é negativa.

Para alguns autores, Platão teria abandonado a sua brilhante teoria nos Diálogos da maturidade, para outros ele apenas a teria revisado (Cf. CHAPPELL, 2005, p. 16-21). De qualquer modo, a sua iniciativa fora brilhante e louvável. É preferível dizer que ele jamais abandonou a teoria das Ideias, pois o Parmênides platônico não chega realmente a essa conclusão (*Prm.* 135b-d). Platão provavelmente apenas quis expô-la a teste público. Essa é uma iniciativa típica do homem de ciência. Uma iniciativa que pressupõe a objetividade e o espírito de humildade, imprescindíveis quando se pretende fazer ciência. Essas atitudes, de certo modo, também nos fazem acreditar que Platão se apercebia de que a filosofia ou a ciência tinha de ser realmente pública.

Duas outras aporias platônicas interessantes têm a ver com a questão da educação: a maiêutica e a exequibilidade do ensino da excelência. A segunda está ligada à primeira, pois a maiêutica é a teoria segundo a qual Sócrates nada ensina, mas o interlocutor aprende por si. Contudo, nos dois Diálogos em que essa teoria é mais bem explorada, o interlocutor, na verdade, nada aprende. Tanto Sócrates quanto os seus interlocutores acabam por ser levados a um estado de estupor. Aliás, até mesmo o pouquinho que o interlocutor pressupõe saber tinha de ser renunciado. Noutros termos, o pouquinho que sabe ou sabia é substituído por uma ignorância completa (*Men.* 84b-c).

O *Mênon* e o *Protágoras* tratam da questão da exequibilidade do ensino da excelência e ambos concluem em aporia. Contudo, nesses Diálogos as refutações são promovidas por um raciocínio dialético aniquilador. Se prestarmos bastante atenção notaremos que em alguns

casos é possível até mesmo falar em aporias ilegítimas. Os exemplos bem claros são as aporias do *Teeteto* (206d-e; 209d-210a). Todavia, ainda assim a iniciativa de Platão permanece louvável, uma vez que a sua intenção era promover uma ciência salutar. Vale sugerir então que os argumentos não bem refutados, representam casos em que ele tentou justificar-se a todo custo. Seria então como se ele estivesse pretendendo dizer que é preciso tentar minar qualquer teoria filosófica que nos é apresentada. Desse modo, quanto maior e mais rigoroso tiver sido o teste, maior o seu grau de cientificidade. Assim sendo, se passou pelo crivo, então a sua reputação enquanto científica é enaltecida.

As aporias, de certo modo, também se parecem com uma espécie de antecipação de tentativa de falseação por parte do próprio autor da teoria. Platão, nesse caso, estaria antecipando parte daquilo que sabia que seus críticos iriam certamente promover. Aliás, muitos autores posteriores seguiram exatamente por essa dinâmica. Entre eles, Aristóteles, Tomás de Aquino e Francisco Suárez, sobretudo Tomás de Aquino. A diferença é que alguns Diálogos platônicos foram concluídos totalmente sem nenhuma afirmação definitiva. É, na verdade, importante que toda filosofia seja exposta a testes e que aceite críticas. Se, de fato, esse fora o propósito de Platão, então pode-se afirmar que fora louvável.

Contudo, é óbvio que as filosofias posteriores embora possam ter esse resquício do platonismo, os métodos empregados não são completamente iguais. Nem sempre o propósito em questão pode ser realmente o mesmo. E também é claro que nem sempre os autores de uma tese filosófica estão interessados em expô-la a críticas. O próprio Popper também já foi acusado de intolerância em sala de aula quando contestado (HORGAN, 1999, p. 56). Quando lemos as obras de Popper temos imediatamente a impressão de que ele quase sempre escrevia atacando ou tentando responder o positivismo lógico. É óbvio que quando se trata de uma enorme repulsa ou ódio, o pensador fica propenso a um subjetivismo inconsciente. Como Popper viveu por quase um século, felizmente teve tempo para revisar muito daquilo que escreveu. Mas de qualquer modo, os seus escritos em filosofia da ciência são de uma qualidade invejável. A despeito de toda a suposta repulsa pessoal que tivera em relação ao Círculo de Viena, ele foi capaz de atingir conclusões brilhantes. Ressalte-se que o seu anti-platonismo é exclusivo no campo político, não na filosofia da ciência. E, além disso, também vale ressaltar que o brilhantismo de Popper é restrito à filosofia da ciência. Embora o seu *Sociedade aberta e seus inimigos* tenha também se tornado notório, o seu mérito maior é, com certeza, no campo da filosofia da ciência.

Platão, de algum modo, acaba também por tornar-se suspeito, pois muitos dos seus escritos estavam carregados de repulsa à sofística. Aliás, muitos desses ataques eram até

mesmo ao modo cômico e galhofeiro. Em síntese, eram ataques ridicularizadores. Este é o caso do ataque que ocorre no *Teeteto* (161d-e) e principalmente no *Eutidemo* (286a-d; 298c-301b). Essas experiências são importantes, pois nos mostram que a despeito de todo cuidado com a pureza filosófica, nunca será possível estar completamente livres dos sentimentos. É que se mesmo dois pensadores tão reconhecidos por sua preocupação com a ética na ciência, foram vítimas da subjetividade, qualquer outro também estará sujeito. Mas felizmente, as aporias nada tem a ver com a repulsa aos sofistas, nem o anti-platonismo popperiano tem a ver com a filosofia da ciência em Platão. As principais aporias pareciam mesmo tratar-se de uma iniciativa cuja preocupação era com a racionalidade plena da ciência.

Conclusão

Enfim, podemos assegurar que embora politicamente divergentes, no plano da filosofia da ciência, Platão e Popper têm uma curiosa afinidade. Trata-se de uma afinidade que, ao que parece, é pouco percebida por muitos pensadores modernos. Mas é indiscutível que qualquer leitor tanto de Platão quanto de Popper, se atentarem bem, se aperceberão que ambos eram realmente ciosos por uma ciência salutar e isso fá-los parecidos.

Referências

- AYER, A. J. *Linguagem, verdade e lógica*. Lisboa: Presença, 1991
- CHALMERS, A. F. *O que é ciência afinal*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CHAPPELL, T. *Reading Plato's Theaetetus*. Indianapolis, Cambridge: Hackett Publishing Company, 2005.
- HORGAN, John. *O fim da ciência: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- PLATÃO. *Eutidemo*. Trad. de Adriana de F. Nogueira. Lisboa: INCM, 1999
- _____. *Banquete, Fédon, Sofista, Político*. PESSANHA, J. A. M. (Org.). São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Pensadores).
- _____. *Mênon*. Trad. de M. Iglésias. Rio de Janeiro: Loyola, 2003.
- _____. *Protágoras, Górgias, Banquete e Fedão*. In: NUNES, Benedito (Org.). *Diálogos Platão*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980. v. 3-4.
- _____. *Parmênides*. Trad. de M. Iglésias. Rio de Janeiro: Loyola, 2003.

_____. *Teeteto*. Trad. de Adriana M. Nogueira e M. Boeri. Lisboa: FCG, 2005.

POPPER, Karl R. *A lógica da pesquisa científica*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

_____. *Conjeturas e refutações*. Brasília: UnB, [s.d.].

STOKES, Geoffrey. *Popper: filosofia, política e método científico*. Lisboa: Temas e Debates, 1998. (Memórias do Mundo).